**AOS 100 ANOS, TOMIE OHTAKE INAUGURA MOSTRA NA FILIAL**

**CARIOCA DA NARA ROESLER COM OBRAS RECENTES**

Ainda mais impressionante que a extensa e celebrada obra criada por **Tomie Ohtake** ao longo de seis décadas de carreira é a sua capacidade, às vésperas de completar 101 anos (no dia 21 de novembro), de continuar produzindo com o mesmo vigor e intensidade. A artista - nascida no Japão em 1913 e radicada no Brasil desde os 23 anos – inaugura no dia **15 de outubro**, na **Galeria Nara Roesler**, em Ipanema,  exposição em que apresenta sete grandes telas inéditas, fruto de sua mais recente investigação pictórica, além de duas esculturas.

A atual fase na pintura de **Tomie** se iniciou no ano passado, quando ela completou 100 anos e passou novamente a flertar com a monocromia e, mais especificamente, a cor branca.

“Não são formas tingidas com pigmento branco, nem são somas de pedaços e elementos brancos sobrepostos. São gestos pictóricos feitos do próprio branco, como uma grande massa cromática uniforme que se acumula e espalha pela tela”, explica o crítico e curador **Paulo Miyada**, que não está diretamente envolvido na nova exposição, mas acompanha de perto a trajetória de **Tomie** e realizou, em 2013, junto com **Agnaldo Farias**, a primeira mostra em comemoração ao centenário da artista, no famoso instituto a que ela empresta o nome, em São Paulo.

De certa maneira, o que **Tomie Ohtake** faz agora é revisitar o conjunto de pinturas em tons de branco que criou em 1959, batizadas pelo crítico e curador **Paulo Herkenhoff** de “pinturas cegas”: sobre um fundo escuro, ela distribuía, de olhos fechados e de maneira um tanto quanto errática, pinceladas luminosas de tinta à óleo branca, produzindo um intenso jogo de luzes e sombras. Nas obras atuais, as sombras derivam apenas da própria volumetria da matéria utilizada nas telas. Segundo **Miyada**, diante das novas pinturas, o olho do espectador a todo tempo é surpreendido com o que ora apreende e ora lhe escapa. Para ele, a artista segue procurando formas de recombinar gesto, cor e materialidade.

“Agora, ela utiliza a massa corpulenta e maciça para ganhar corpo e dobrar-se sobre si mesma em movimentos que não são exatamente pinceladas e tampouco espalhamentos por espátula. São ondas que tremulam sobre a tela, matérias convulsionadas em suspensão. Vez em quando, há um sutil desnível na espessura dessa massa, ou então é a direção dos gestos que varia: o resultado é que, delicadamente, emerge a sugestão de uma linha. Não se trata de uma mudança de tonalidade ou da diferença entre dois volumes, mas de dezenas de fragmentos de branco que se agitam apenas o suficiente para desafiar o nosso olhar. E, se mudamos de foco, a linha some. Se trocamos a incidência da luz, ela volta a aparecer”, descreve.

Inquieta, a artista ainda dedica várias horas de sua rotina diária à pintura. E bastou definir um novo caminho de pesquisa para avançar em novos experimentos. Depois de investir no branco, há poucos meses ela decidiu introduzir o uso da cor sobre os seus relevos para descobrir o que aconteceria. Obteve empiricamente o que o seu olhar treinado de certa forma já antecipava: a luminosidade abrasiva do vermelho minimizou as diferenças volumétricas e tornou os desníveis mais abruptos, enquanto a densidade azul a conduziu à transparência, obtida com camadas mais finas de massa.

**Uma viagem sem volta**

A “dama das artes plásticas brasileiras” (epíteto com o qual alguns críticos e curadores passaram a defini-la a partir dos anos 1970) fixou residência no Brasil por acaso e obra do destino. Nascida em Kyoto, a caçula e única mulher entre seis filhos veio visitar o irmão em 1936 e não pôde mais retornar ao Japão por conta da guerra do seu país contra a China, que estourou logo em seguida. Para sorte dos brasileiros, ela decidiu ficar e se apaixonou pelo futuro marido, com quem casou e teve dois filhos: os arquitetos Ruy e Ricardo Ohtake.

A carreira artística, no entanto, só começaria na década de 1950, aos 40 anos de idade Após breve passagem pela pintura figurativa, a artista mergulha definitivamente na abstração informal nos anos 1960, quando se naturaliza brasileira. O domínio da esfera técnica de seu trabalho foi então confluindo com sua personalidade, passando a servi-la plenamente. O controle do processo coincidiu com uma nova orientação dada progressivamente ao trabalho, onde foi substituindo a imaterialidade aparente de suas telas pelo estudo da relação forma-cor, investigação que permeia a sua obra até hoje.

Ao longo de seis décadas contínuas, a artista nunca modificou o desafio a que se propõe: o eterno reinventar. A capacidade de renovação de Tomie está expressa nas diferentes fases de sua pintura e nas suas composições de gravura e escultura. É dessa intenção intuitiva permanente que brotam o frescor e o esplendor de sua arte celebrada pela crítica e pelo público até hoje, com sua vigorosa produção recente.

Tomie Ohtake já expôs em oito edições da Bienal Internacional de São Paulo (1961, 1963, 1965, 1967, 1989, 1996, 1998 e 2003), além de ter participado das bienais de Veneza (1972) e Havana (1984, 1986), entre outras. Exposições coletivas recentes incluem *Vontade construtiva* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Correspondências* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *FUSION: tracing Asian migration to the Americas through AMA’s Collection*(Art Museum of the Americas, Washington, EUA, 2013); *Mulheres*(Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil, 2012); e *Um século de arte brasileira, Coleção Gilberto Chateaubriand* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2006). Suas mais recentes exposições individuais são: *Um fluxo das formas* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *Pintura e pureza* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); e *Pinturas cegas*(Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil, 2012; Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011).

**Serviço:**

**GALERIA NARA ROESLER**

Rua Redentor, 241 – Rio de Janeiro

Exposição:**Tomie Ohtake**

De 15 de outubro a 22 de novembro

Abertura: dia 15 de outubro, das 19h às 22h

Horário de funcionamento: segunda a sexta, de 10h às 19h / sábado, de 11h às 15h

Telefone: (21) 3591-0052

Entrada franca

[www.nararoesler.com.br](http://www.nararoesler.com.br)

**Assessoria de imprensa**

**Factoria Comunicação**

Vanessa Cardoso – vanessa@factoriacomunicacao.com

Eduardo Marques – eduardo@factoriacomunicacao.com

Mario Canivello – mario@canivello.com.br

(21) 2274-0131 e 2239-0835